

Comunicação Neotribal em Plataformas Digitais: A *Tribo Transe* e a *Fluoresta Zambujal*

Simão, Emília
FLUP – UP
emisimao@gmail.com

Magalhães, Sérgio
FACIS – UCP
stmagalhaes@braga.ucp.pt

Silva, Armando
FLUP – UP
armando.malheiro@gmail.com

1. Introdução

Esta comunicação decorre do processo de investigação em curso, tendo por base os conceitos de neotribalismo em redor do universo da música eletrónica de dança, e suas representações em ambiente digital, entretanto sustentada empiricamente em investigação anterior - *Comunicação Multimédia e Neo-ritualismo nas festas Transe* – (Simão & Magalhães, 2011), em que surge como prolongamento. Apesar de manter o seu foco nas ciências da informação e da comunicação, assenta numa perspetiva interdisciplinar, cruzando as ciências sociais com vertentes antropológicas e sociológicas das ciências humanas.

As novas tecnologias da informação e da comunicação vieram permitir a emergência de novas esferas info-comunicacionais, em paralelo com novos territórios, culturas e identidades que têm povoado este novo paradigma tecnológico em que nos situamos. As plataformas digitais têm vindo assim a proporcionar novos espaços de poder, comunicação e cultura, inerentes às dinâmicas de uma sociedade tão tecnologicamente assistida como incorporada, em que homem pós-moderno se vai assumindo entre práticas e personalidades mutantes e migrando através de diversos espaços comunicacionais off-line e on-line, onde coexiste no seu hibridismo físico e digital. O fluxo de conteúdos através das várias plataformas digitais veio possibilitar uma enorme multiplicidade de formas de comunicação e cultura. Com efeito, a maior transformação da sociabilidade em sociedades complexas teve lugar com a substituição das comunidades espaciais pelas redes, sustentadas por processos migratórios visíveis do exterior para o interior da rede, e ainda dentro da própria rede.

É também a esta linha de pensamento que a investigação em curso se prende, apesar de numa análise algo genérica e conceptual, com a temática da migração para a Web de grupos já consolidados no mundo exterior: A projeção para o espaço digital, com identidades reais ou simuladas, propósitos reais ou fantasiosos, é quase sempre feita tendo como ponto de partida uma prévia existência física, externa à rede. Com efeito, quando um grupo de pessoas se dispersa, os seus membros podem deslocar-se em múltiplas direções, protagonizando um

processo migratório para espaço digital, como é o caso na plataforma *Facebook*¹, do grupo criado em 2011, a *Fluoresta Zambujal*², exemplo manifesto da subcultura do *Psy Trance* na Web. No intuito de reforçar e entender mais profundamente variáveis mais específicas associadas a esta realidade, está um curso o envio de inquéritos por questionário ao grupo referido, que após recolha e análise, irá complementar e confrontar-se com informação já trabalhada e deduções consolidadas.

2. A *Tribo Transe*

Reportando à última década Séc. XX, as manifestações da *tribo Transe* eram essencialmente representadas por eventos rituais de música e dança (genericamente vulgas *raves*), associadas ao estilo de música eletrónica *Psy Trance* (Transe Psicadélico), e frequentadas por pequenos grupos divididos entre elites e *travellers* (Simão & Magalhães, 2011). Atualmente, existem festas e festivais que reúnem milhares de pessoas do mundo inteiro, fenómeno potencialmente associado às novas tecnologias da informação e comunicação, junto do qual parecem ter um papel disseminador. Existe uma considerável quantidade de plataformas on-line onde se comunica, informa e respira *Transe*, originário de Goa, e em que importa referir que Portugal é uma das grandes referências mundiais deste movimento como um todo acolhe uma série de *festas* e festivais de renome internacional (*Boom Festival*³ e *Freedom Festival*⁴), e tem uma presença significativa na rede.

O *Psy Transe* enquanto movimento, é traduzido por ambientes neotribais potenciados por um inerente aparato tecnológico: desde a música electro-psicadélica às inebriantes projeções multimédia, esta espécie de encantamento eletrónico proporcionado pelas *técnicas modernas do êxtase* veio criar uma atmosfera simultaneamente natural e artificial, de espiritualidade e novas tecnologias (Simão & Magalhães, 2011).

A última década tem registado alterações no seio deste fenómeno, nomeadamente no que diz respeito aos espaços onde esta cultura se vive e se consome. Apesar de inicialmente tímida e reticente, a neotribo está a disseminar-se pelas plataformas digitais, ou de alguma forma está a ser absorvida por elas. Estará esta realidade simultaneamente tribal e futurista a ficar imersa na realidade on-line? Ou será antes um processo migratório tão voluntário quanto inevitável?

¹ www.facebook.com

² www.facebook.com/groups/fluresta.zambujal

³ <http://www.boomfestival.org/>

⁴ <http://freedom-festival.eu/2013>

3. Migração para a rede

Os universos alternativos são um dos resultados das realidades proporcionadas pelas plataformas on-line, onde o real e o digital se fundem e confundem, envolvendo e remetendo o indivíduo para novas esferas comunicacionais sem precedentes. As plataformas são acima de tudo um espaço de transmissão de fluxos de informação, em que as redes sociais refinam e potenciam processos de info-comunicação humana e social. É neste cenário que as comunidades virtuais emergem e nas quais integramos o conceito de neotribo. Estas *redes eletrônicas* possibilitam uma comunicação interativa sobre interesses comuns, pese embora a comunicação *per si* possa também ser o único objetivo (Castells:2000). Importa referir que informação não é comunicação, já que nenhuma informação se arroga enquanto tal sem ter na sua base o pressuposto da comunicação (Wolton, 2009).

O fenómeno da migração está inerentemente ligado à existência de territórios: as dinâmicas migratórias entre territórios podem definir-se pela (des)territorialização e (re)territorialização dos migrantes (Mondardo , s/d), pela sua mobilidade e vivência dentro deles, e entre eles. Destes processos e da sua efetivação surgem agregações que se podem chamar de neo-tribos, situando-se numa linha evolutiva das tribos urbanas da pós-modernidade (Maffesoli, 2000), e nas quais os conceitos de estar e partilhar já são quase indissociáveis do ciberespaço.

A sociedade em rede, enquanto alicerce deste novo paradigma tecnológico, veio permitir a existência de vários lugares interconectados, sobrepostos e complementares, nos quais o indivíduo se movimenta, relaciona e experiencia toda e qualquer prática a que esteja disposto, desde que escolha o território adequado às suas aspirações. Por território, podemos entender uma qualquer superfície habitada pelo homem, enquanto espaço apropriado e valorizado de forma simbólica e instrumental por ele, no qual combina dimensões e conteúdos gerados e organizados a partir de um ponto imaginário (Gimenez,1999). A simultaneidade característica desta nova estrutura social, fundada na combinação entre telecomunicações, sistemas de computadores e os lugares onde essas interações acontecem, veio permitir um espaço ligado a um lugar-comum. A nossa forma de estar em sociedade deriva hoje deste *espaço de fluxos* (Castells:2000), e essencialmente, da necessidade que os indivíduos têm de comunicar e de se manter informados, controlando as suas aproximações e afastamentos em processos migratórios voluntários ou inconscientes. Fruto deste frenesim de movimentos, o ciberespaço é inevitavelmente um novo espaço cultural, de informação e de conhecimento em constante desenvolvimento através da inteligência coletiva, onde se desenvolvem práticas, atitudes,

pensamentos e valores, que enriquecem uma cibercultura, enquanto ambiente natural do homem tecnológico (Lévy:1999).

Na internet, as redes sociais podem ser analisadas mediante as relações que se estabelecem, os laços sociais originados a partir dessas relações, a sua *multiplexidade* e composição, tendo a interação como base dessas análises. (Recuero:2004) Mas por outro lado, essa compreensão também pode passar pela dinâmica da sua construção e manutenção, e ainda no facto de perceber a essa estrutura não como mera determinada e/ou determinante, mas em constante mutação quer no tempo, quer no espaço (Watts:2003). Os diferentes elementos que compõem a estrutura de uma rede social - nós, elos, vínculos, papéis -, são indissociáveis da sua dinâmica - frequência, intensidade e qualidade dos fluxos entre os nós (Aguar:2006), esta realidade aplica-se às redes sociais no seu contexto digital ou virtual, territórios férteis e propícios à emergência de novas comunidades no ciberespaço, como é o caso da rede social *Facebook* e culturas que dela e nela se vão disseminando.

A análise das culturas on-line e off-line pressupõem sujeitos migrantes de umas comunidades para outras, dos cenários, dos mundos e redes interdependentes e em desenvolvimento, percebendo-se a permeabilidade e fluidez das subculturas numa cada vez mais, ciber-era (Wilson & Atkinson, 2005) e paralelamente, aponta para uma convergência em diferentes níveis de realidade da distinção entre on-line e off-line: seja digital ou genético, tudo é codificado, tudo é informação e conseqüentemente se tudo é informação tudo se pode comunicar (Floridi, 2007). A ascensão da Internet tem manifestado um impacto crescente na globalização das culturas, por conseguinte, na emergência de subculturas sob a forma de ciber-comunidades ou ciberculturas. Para Wilson e Atkinson, a cultura *rave*, de onde algures emerge o *Psy Trance* é uma entidade subcultural que resiste à cultura tradicional através da produção de informação, comunicada em diferentes modos e intensidades. Os seus estudos mostram a cena *rave*, de certa forma se relacionada com a temática que tem vindo a ser exposta, evoluiu em paralelo com a emergência da comunicação pela internet, promovendo mais coesão, no sentido em que conexões virtuais e globais podem melhorar relações locais, e permitindo redes de apoio culturais e globais. Parece evidente que os *nativos* do *Transe*, cresceram e multiplicaram-se, bem como os seus neo-rituais, em paralelo com a sua disseminação pelas plataformas digitais.

A des-territorialização é umas das grandes dimensões da virtualização, e as comunidades on-line um produto dos lugares virtuais, sustentados por uma dinâmica info-comunicacional

assente em significados partilhados, onde importa situar a *Fluoresta Zambujal* que tem servido como objeto de estudo dessa dinâmica.

4. Neo-tribalismo na Web

Os movimentos da *tribo Transe*, a partilha de informação, as diversas formas de comunicação utilizadas em contexto on-line aliadas à sua já enraizada filosofia, parecem estar a forjar um novo arquétipo: A tribo está a migrar para as plataformas digitais, numa demanda na *Fluoresta* digital, em oposição à sua anterior e tão venerada floresta natural, mas que aparentemente acabou por ter um efeito inesperado. Depois da des-territorialização da floresta, e da re-territorialização na *Fluoresta*, a neotribo faz um processo inverso, embora inesperado, e do reencontro digital re(emerge) o reencontro físico em contexto real⁵ depois de (re)forjada em contexto virtual. No entanto, esta migração não apresenta representatividade no que diz respeito à realização de eventos efetivos (*festas Transe*) em contexto digital, em que os nativos teriam de assumir uma identidade igualmente digital para poder participar.

Coabita-se assim num duplo território e identidade (interior e exterior à rede), longe da hegemónica cultura musical das massas que tanto os caracteriza em termos estéticos e identitários, e situa em percursos alternativos quer artísticos, quer filosóficos.

Ao contrário de outras comunidades, que nunca tiveram uma existência exterior à rede, a maioria destes membros, se não a totalidade, inspirou-se na sua experiência off-line consolidada nas *festas Transe*, há cerca de quinze anos atrás que agora remete para este seu novo território. Os rituais neotribais realizavam-se no lugar específico da Floresta do Zambujal, da qual a *Fluoresta*, mais do que uma metáfora da anterior, surge como uma espécie de prolongamento. A intensidade com que os membros viveram as experiências anteriores e exteriores veio ditar a forma como se expõem e comunicam neste seu novo lugar digital revigorado e readaptado ao meio atual, e que para muitos, veio reatar o elo perdido com a sua *floresta mágica*, representação simbólica de uma época. A desilusão com as *festas Transe*, fruto de alguma afluência inesperada e desvirtuamento das suas raízes, levou uma grande parte dos nativos iniciais a afastarem-se da cena *Transe*, que curiosamente são agora a grande maioria dos membros da *Fluoresta*.

⁵ Desde a existência do grupo, os membros foram reagrupados 3 vezes em *festas Transe*, estando prevista uma nova agregação em 2013: www.facebook.com/ZnaGathering

A relação de dependência tecnológica que o homem tem vivenciado, levou a um afastamento relacional com a natureza tão desmedido, que a regressão e a procura do elo perdido talvez fossem a única solução para reencontrar a sua identidade. O hedonismo e o êxtase vinculados às *festas Transe* foram assim para muitos, os novos catalisadores da reconsolidação do sentimento de pertença e do espírito tribal, dentro do cenário pós moderno, tecnológico e global em que vivemos (Simão & Magalhães, 2011). A alusão metafórica à terminologia das tribos ajusta-se à realidade da *tribo Transe*, dada uma manifesta herança social e cultural que esta apresenta.

A necessidade de estar e partilhar materializou-se através da formação de grupos, cujos membros partilham uma identidade simbólica, originando o que Michel Maffesoli chamou de neo-tribalismo (Maffesoli, 2006). Segundo o antropólogo Graham St.John, a cultura da música electrónica de dança tem dimensões culturais que separa em quatro grupos: A religião cultural da música de dança electrónica expressa pelo ritual festivo; a subjetividade, corporeidade e experiência de dança fenomenológica (êxtase e transe); a comunidade de dança e o sentimento de pertença (a *vibe* e as tribos); a cultura da música electrónica de dança como uma nova “espiritualidade de vida” (St John, 2006). Nas *festas Transe* a sua dimensão tribal, associada à ritual, agrega conceitos como música, dança, transcendência, re-identificação, cura espiritual, reconfiguração espacial, corpo e estados alterados de consciência, conceitos agora também transpostos para as esferas digitais onde se agregam. A *tecno culture spirituality* (St John, 2006) disseminadora das relações de troca entre o homem e as tecnologias, criadora de identidades e por conseguinte, de novas esferas culturais sustentada por uma tribo global tecno-nómada revela-se por um lado, o resultado de todo um movimento migratório nesse sentido, mas por outro, revela-se também como resultado desse movimento.

A comunidade da *Fluoresta* é uma comunidade emocional com um forte lado afetivo, deixando de ser efémera e associadas às eventuais agregações exteriores, e passando a ter um carácter mais constante, uma inscrição global como território e obedecendo a vários critérios de organização. Assenta uma estrutura organizada, em que os membros assimilam regras, quer relativamente ao tipo de informação que disponibilizam, quer relativamente à forma como a publicam e os objetivos que pretendem com isso: A *Fluoresta* é acima de tudo um espaço de partilha, um espaço de fluxos info-comunicacionais, na medida em que agrega informação e comunicação, enquanto abordagens transversais a toda a atividade humana e social (Silva,2006). A plataforma proporciona o registo e processamento da informação

através de diversas formas, em que os criadores se tornam usuários e vice-versa. Para além do mural onde diariamente é postada informação predominantemente musical, existem ficheiros específicos catalogados para receberem conteúdos mais específicos, com a possibilidade de serem editados por todos os membros do grupo. A informação divulgada vai ao encontro aos interesses do grupo (psicadelismo, ecologia, permacultura, espiritualidade, culturas ancestrais, astronomia, entre outros), que de certa forma são projeções filosóficas estéticas e afetivas com uma dimensão simbólico-expressiva e geradora de cultura neste novo habitat dos *Zambujaliens*.

A operacionalização da investigação em curso tem-se baseado em parte na análise das dinâmicas migratórias para a Web dos nativos da tribo *Transe*, e de que forma a sua presença nas plataformas digitais poderá ser uma evidência evolutiva ou retroativa. Ainda se procuram entender os processos info-comunicacionais neotribais levados a cabo por aquela comunidade, e se estarão ou não na esteira de um cibertribalismo, disseminando as suas filosofias e rituais para o ambiente digital.

Pressupondo uma base metodológica qualitativa, têm sido efetuados registos de observação participante pontuais realizados em contexto exterior, nomeadamente em três festas *Transe* decorridas em 2011 e 2012 respetivamente, realizadas pela administração do próprio grupo, e ainda registos etnográficos na rede (ciberetnografia), de carácter diário na plataforma *Facebook*, dentro do grupo dos *Zambujaliens*⁶. Em complemento e de cariz quantitativo, foram distribuídos inquéritos por questionário on-line aos cerca de 6000 membros, esperando reunir uma amostra de 400 respostas, das quais já foram registadas 204. Adianta-se que algumas das tabelas apresentadas, os dados não são referentes à totalidade dos indivíduos inquiridos porque apenas disserem respeito a respostas específicas dadas em questões anteriores.

Os elementos recolhidos, bem como aqueles que estão ainda em processo de recolha, permitem começar a definir e compreender este grupo, bem algumas das características individuais dos membros contextualizado no âmbito da temática que os agrega, ressaltando novamente que são dados preliminares em virtude de estar a ser considerada apenas metade da amostra, destacando-se os seguintes:

⁶ Denominação atribuída aos nativos (membros) do grupo *Fluoresta Zambujal*

Faixa etária	
menos 20 anos	1
20 a 25 anos	12
26 a 30 anos	33
31 a 35 anos	74
36 a 40 anos	53
41 a 45 anos	21
mais 46 anos	8
sem resposta	2

Tabela 1 – Idade dos membros do grupo (*Zambujaliens*)

A tabela 1 permite verificar que todos os membros que responderam até agora são indivíduos adultos, situando-se maioritariamente entre os 31 os 35 anos, e imediatamente a seguir, entre os 36 e os 40 anos.

Frequência no grupo	
Nunca	14
Raramente	30
Frequentemente	86
Mt. frequentemente	24
Diariamente	50
sem resposta	8

Tabela 2 – Frequência dos membros no grupo

Publicação de informação	
Nunca	49
Raramente	94
Frequentemente	47
Mt. frequentemente	8
Diariamente	6
sem resposta	8

Tabela 3 – Publicação de informação no grupo

A tabela 2 revela que a maioria dos membros está no grupo frequentemente, o que a remete para uma presença substancial na rede social *Facebook*, dentro da *Fluorestá Zambujal*. No entanto pode verificar-se através da tabela 3 que até agora, a presença frequente no grupo não implica necessariamente atividade associada, na medida em que a maioria dos membros assume que raramente publica informação. Alguns dos membros nunca publicam informação, mas paralelamente, um número idêntico afirmam publicar frequentemente.

Com efeito, e como se pode verificar na tabela 4, a maioria dos membros pesquisa informação acerca de festas *Transe* e outros dados a respeito do universo do Transe Psicadélico nas redes sociais. Estas conclusões provisórias indicam que apesar de nem todos os membros serem particularmente ativos na publicação de informação na rede social, é a ela que recorrem quando procuram informar-se.

Proveniência da informação		E-mail	Redes Sociais	Fóruns	Sites	Blogues	Outro
1	Discordo inteiramente	31	8	31	13	47	28
2	↕	16	2	17	7	18	0
3		16	8	16	11	15	3
4		10	24	18	25	8	1
5		Concordo inteiramente	35	78	18	58	11
Sem resposta		33	21	41	27	42	95

Tabela 4 – Locais de pesquisa de informação sobre a temática pelos membros do grupo

Sabendo que a essência deste grupo se centra num estilo musical e nas *festas Transe* que ao longo do tempo têm sido realizadas, procura-se entender como é que os próprios membros classificam esses eventos, como se pode observar na tabela 5.

Festa Transe		Rave	Ritual	Neo-ritual	Evento musical	Discoteca	Festa de música e dança	Outro
1	Discordo inteiramente	50	9	18	6	107	16	16
2	↕	19	9	8	10	18	7	2
3		18	10	9	8	11	4	3
4		18	14	14	18	5	14	5
5		16	21	23	34	2	21	5
6	↕	18	44	34	23	3	28	16
7		Concordo inteiramente	17	70	49	61	2	83
Sem resposta		48	27	49	44	56	31	80

Tabela 5 – Caracterização de uma festa *Transe* pelos membros do grupo

A maioria dos membros considera a festa *Transe* como uma festa de música e dança, seguindo-se de uma considerável parte que a considera um ritual. A destacar que aquando da resposta ao item 8, são permitidas designações alternativas por extenso, a explorar e a apresentar e quando se der por terminada esta investigação.

A migração deste grupo para as plataformas digitais é um dos pontos centrais deste estudo, nesse sentido e na sequência da tabela anterior, foi também explorada a relação que os mesmos apresentam com as festas *Transe*, mas em contexto digital.

Festa <i>Transe</i> on-line		Festa Transe	Festa virtual	Neo-ritual	Ciber-ritual	Jogo	Outro
1	Discordo inteiramente	15	5	16	11	35	14
2	↕	7	2	7	1	4	1
3		2	4	3	5	5	0
4		9	2	12	11	3	0
5		10	7	2	2	3	0
6	↕	4	8	8	10	0	0
7		Concordo inteiramente	10	32	5	14	3
Sem resposta		14	11	18	17	18	45

Tabela 6 – Caracterização de uma festa *Transe* on-line pelos membros do grupo

A maioria dos membros considera a festa *Transe* on-line, uma festa virtual, desconsiderando visivelmente as restantes opções. Só aparecem 71 respostas que correspondem aos indivíduos que consideram a possibilidade de uma festa on-line (113 não consideraram sequer essa possibilidade e 20 não responderam).

Ainda no âmbito das plataformas digitais, e considerando a plataforma *Second Life* um ambiente tridimensional onde se realizam inúmeros eventos, esta investigação pretende perceber se esta pode ser um potencial espaço de migração das festas *Transe*, propriamente ditas.

Conhece a plataforma	Sim	Não	Sem resposta
Second Life	76	128	0
Sabe que há festas Transe no Second Life	24	52	0
Já participou em festas Transe no Second Life	4	20	0

Tabela 7 – Informação sobre a *Second Life* que têm os membros do grupo

Uma grande parte dos membros no grupo, apesar de familiarizado com o *Facebook*, não conhece a *Second Life*. Apenas 76 dos 204 inquiridos até à data conhecem, dos quais só 24 têm conhecimento que existam festas *Transe* na referida plataforma. Desta amostra provisória de 204 indivíduos, apenas 4 já participaram numa festa em ambiente digital.

5. Conclusão

Algumas comunidades não teriam a mesma longevidade ou consistência, e em alguns casos, nem existiriam mais se a sua existência ficasse limitada ao espaço off-line, como é o exemplo da *Fluoresta Zambujal*. A migração inicial destes indivíduos parece uma atitude de fuga a um ambiente externo, que a dada altura esgotado e deteriorado, encontrou um *abrigo digital* que permitiu o incubar de uma nova ordem das coisas. No entanto, a migração para a rede originou a dada altura o curioso efeito contrário de remeter os nativos novamente para o contexto off-line, (re)agregando o grupo em torno de interesses comuns – as *festas Transe*, mas num âmbito seletivo e dirigidas em especial aos membros ou que partilham do mesmo espírito que a mensagem do grupo passa. Mas o grupo está a abrir-se à restante comunidade

on-line do *Transe*, na medida em que a divulgação de informação acerca do próximo evento está a ser direcionada para outros grupos e plataformas.

Sendo que o grupo sustenta a maior parte das suas interações em contexto digital, é bem possível que num futuro próximo uma designação de ciber-tribo esteja mais adequada, na medida em que já são visíveis na Internet projeções de *festas Transe* em ambiente tridimensional, como por exemplo na *Second Life*⁷. O neo-ritual, assim que transposto para a rede pode assumir também os contornos de um ciber-ritual, a explorar em comunicações futuras.

As plataformas digitais parecem estar a estar a surgir como extensão artificial desta neo-tribo, complementando-se para além das fronteiras do espaço físico, ganhando um papel renovador na consciência individual e coletiva dos seus membros, nas quais a *Fluoresta* se instituiu como um lugar simbólico-expressivo e dinâmico em que os seres comunicantes que o integram transpuseram e reforçaram a sua própria identidade e da sua tribo. Não sendo exclusivamente novos *eus virtuais*, são antes *eus revigorados* movendo-se e migrando em simultâneo entre dois espaços info-comunicacionais diferentes.

Mas até que ponto esta neotribo incorpora já em si as características de uma cibertribo? Apenas pelo fato de uma grande parte dos seus *nativos* já ter consolidado o seu processo de migração, levando consigo a sua bagagem informacional para mundo digital? E até que ponto uma migração em massa desta comunidade poderá vir a converter os seus neo-rituais em ciber-rituais, transformando a *festa natural* em *festa digital*?

⁷ secondlife.com/

6. Referências bibliográficas

- Aguiar, S. (2006). *Redes sociais e tecnologias digitais de informação e comunicação*. Recuperado em 23-03-2013 de http://www.observatoriodaimprensa.com.br/download/Redes_sociais_e_tecnologias_digitais%20.pdf
- Augé, M. (1994). *Não-lugares: introdução a uma antropologia da modernidade*, Bertrand editora, Lisboa.
- Castells, M. (2000). *Era da Informação, V.1 - Sociedade em rede*, A: Paz e Terra.
- Floridi, Luciano. (2007). A Look into the Future Impact of ICT on Our Lives. Recuperado em 20-04-2013, de <http://uhra.herts.ac.uk:8080/xmlui/bitstream/handle/2299/2068/901125.pdf?sequence=1>
- Gimenez, G. (1999). *Território, cultura e identidades*. Recuperado em 15-11-2012, de http://cenedic2.ucol.mx/culturascontemporaneas/contenidos/region_socio_cultural.pdf
- Lévy, P. (1999). *Cibercultura*, Ed. 34, São Paulo.
- Maffesoli, M. (2000). *O Tempo das tribos: declínio do individualismo nas sociedades de massa*, Ed. Forense, Rio de Janeiro.
- Silva, A. (2006). "Informação e Comunicação: as duas faces de Jano". *Prisma.com. Revista de Ciências da Informação e da Comunicação do CETAC* (2). Recuperado em 21-02-2013, de <http://prisma.cetac.up.pt>
- St John, G. (2006). Electronic Dance Music Culture and Religion: An Overview1. *Culture and Religion*, 7(1), 1-25. doi: 10.1080/01438300600625259.
- Mondardo, M. (s/d). Raízes na Migração, Des-Re-Territorialização e Redes Sociais. Recuperado em 23-01-2013, de <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-mondardo-raizes.pdf>
- Recuero, R. (2004). *Redes sociais na internet*. Recuperado em 13-11-2012, em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/recuero-raquel-redes-sociais-na-internet.pdf>
- Simão E., & Magalhães S. (2011). Recuperado em 22-04-2013, de http://www3.usp.br/rumores/pdf/rumores10_7_emilia_sergio.pdf
- Wilson, B., & Atkinson, M. (2005). Rave and Straightedge, the Virtual and the Real. Recuperado em 20-04-2013, de <http://yas.sagepub.com/content/36/3/276.full.pdf>
- Wolton, D. (2009). *Informer n'est pas communiquer*. Paris: CNRS Éditions.